



A MODELIZAÇÃO DOS CAUSOS CONTADOS SOBRE E NA CIDADE DE IBAITI-PR

Marilúcia dos Santos Domingos STRIQUER

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Valdirene Rover de Jesus SILVA

PG – Profletras – Universidade Estadual do Norte do Paraná

RESUMO: O causo é um gênero textual que se configura como um importante instrumento para preservação e disseminação da cultura popular. Por este motivo, este trabalho objetiva construir um modelo didático do gênero Causo Ibaitiense, a fim de conhecê-lo e compreendê-lo em todas as suas especificidades, bem como possibilitar a construção de futuras Sequências Didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Para a construção do referido modelo didático, utilizamos os preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2009; DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) e do Procedimento de Análise de Textos (BRONCKART, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Gênero textual; Causo Ibaitiense; Interacionismo Sociodiscursivo.

ABSTRAT: *The cause is a genre which constitutes an important instrument for the preservation and dissemination of popular culture. For this reason, this work aims to build a didactic model of gender Causo Ibaitiense in order to know it and understand it in all its specificities and enable the construction of future sequences Teaching (DOLZ; Noverraz; SCHNEUWLY, 2004). For constructing the teaching model, we use the precepts of Interacionism Sociodiscursivo (BRONCKART, 2009; DOLZ; Noverraz; SCHNEUWLY, 2004) and Text Analysis Procedure (BRONCKART, 2012).*

KEYWORDS: Textual Gender; Cause Ibaitiense; Interacionism Sociodiscursivo.

Introdução

Tradicionalmente a escola vem trabalhando com textos que pouco condizem com a história de comunidades locais. Contudo, orienta Freire (2002) que é essencial que a escola considere quem é o educando, quais os seus anseios e suas experiências de vida. Segundo o autor “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2002, p.35). Assim, compreendemos que a escola precisa ser um espaço em que a criança perceba a valorização das suas histórias, das de sua família, da sua comunidade, a fim de que o aluno tenha a “oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar” (MARCUSCHI, 2005, p.36).

Para Freire (2002, p.16), é preciso respeitar os saberes com os quais os educandos chegam à escola. No caso daqueles que chegam ao Ensino Fundamental, muito frequentemente, já conhecem histórias, contadas pelos mais velhos, pessoas da família, vizinhos, entre outros. É o que acontece com os que nasceram na cidade de Ibaíti, região norte do Paraná, onde tradicionalmente histórias da cultura popular local e regional são preservadas e divulgadas. É nesse sentido que pretendemos resgatar, na escola, esses causos, os quais denominamos como Causos Ibaitienses, devido às especificidades que os formam, enfatizando, assim, os saberes com os quais os alunos chegam à escola, promovendo que consigam ler o mundo, em uma valorização da cultura e das origens, conforme postula Freire



(2005, p.20), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Partindo, assim, desses preceitos para o ensino dos conteúdos escolares. Respeitar “[...] os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos [...]” é, de acordo com Freire (2005, p.16), o melhor ponto de partida para qualquer ação educativa.

É nesse viés que justificamos nosso interesse pelo trabalho com o gênero Causo Ibaitiense, pois o concebemos como um instrumento mediador adequado para o trabalho com as práticas discursivas da leitura, da escrita e da oralidade, visto que, dentre os diversos gêneros que circulam socialmente, esse pode estimular o imaginário dos alunos e contribuir para a valorização da cultura local da cidade de Ibaiti.

A cidade de Ibaiti, onde residimos desde nosso nascimento e lecionamos para o ensino fundamental há 20 anos, possui inúmeras histórias originárias do imaginário popular, provenientes da evolução histórica da cidade, causos que os moradores costumam contar nas rodas de conversa e que despertam o interesse, em especial das crianças, por trazerem personagens fantásticos e fatos inusitados.

Segundo Cascudo (2006, p.11), as histórias que ouvimos quando crianças “para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vem com as histórias fabulosas ouvidas na infância” (p.11). Assim, o causo pode ser um instrumento para instigar o aluno a ler/ouvir e para produzir textos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013), é preciso levar em consideração, na prática educativa, a diversidade étnica, regional, social, individual e grupal dos educandos. “A perspectiva multicultural no currículo leva, ainda, ao reconhecimento da riqueza das produções culturais e à valorização das realizações de indivíduos e grupos sociais e possibilita a construção de uma autoimagem positiva a muitos alunos” (BRASIL, 2013, p.115). Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (Doravante PCN) – Pluralidade Cultural e Educação Sexual (BRASIL, 1997) – asseveram que é relevante o trabalho com as culturas regionais, uma vez que “são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos” (p.37). Portanto, o trabalho pedagógico com o gênero Causo Ibaitiense oferece oportunidades de “valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade” (BRASIL, 1997, p.39).

Na mesma perspectiva, Marcuschi (2008) chama atenção para o fato de que em grandes centros urbanos são quase desconhecidos gêneros comuns em outras sociedades como “os cantos de guerra indígenas, os cantos medicinais dos pajés ou as benzeções das rezadeiras, os lamentos das carpideiras” (p.191). Dessa forma, acreditamos que o mesmo aconteça com os causos de pequenos centros localizados no interior dos estados, como é o caso dos contados na cidade de Ibaiti. Também porque, de acordo com Marcuschi (2008), o ensino deve sempre ser culturalmente sensível. Nas palavras do autor: “creio que se deveria oferecer um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. Não se deveria privilegiar o urbanismo elitizado, mas frisar a variação linguística, social, temática, de costumes, crenças, valores” (MARCUSCHI, 2008, p.172).

Nessa visão, é possível dizer que a aula de língua portuguesa transcende a consideração apenas dos aspectos meramente internos do sistema da língua para abarcar a vivência cultural do aluno, uma vez que está “envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino



situado em contextos reais da vida cotidiana” (MARCUSCHI, 2008, p.173).

Em consonância com os preceitos apresentados, o nosso objetivo é o de construir um modelo didático do gênero Causo Ibaitiense que possa servir como aporte para a produção de materiais didáticos direcionados ao ensino fundamental a partir dos preceitos teóricos-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2009; DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Modelo Didático

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), um modelo didático expõe “o conhecimento implícito do gênero, referindo-se aos saberes formulados, tanto no domínio da pesquisa científica quanto pelos profissionais especialistas” (p.81). Assim, conhecendo quais as especificidades de um gênero, é possível, a partir delas, elaborar *Sequências Didáticas* para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, segundo os autores, o modelo didático possui duas características fundamentais: “constitui uma síntese com o objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores e ele evidencia as dimensões ensináveis [...]” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.81). Nascimento (2014) destaca o papel do professor-pesquisador nesse processo: examinar os elementos que parecem recorrentes, considerando variações ligadas ao gênero.

De um ponto de vista mais prático, o modelo didático fornece aos professores:

[...] objetos *potenciais* para o ensino. São potenciais, por um lado, porque uma seleção deve ser feita em função das capacidades dos aprendizes e, por outro, porque não poderia se ensinar o modelo como tal: é por meio das atividades das manipulações, comunicando ou metacomunicando a respeito delas, que os aprendizes vão, eventualmente, ter acesso aos gêneros modelizados (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004, p.81- grifo nosso).

Assim, destacamos a orientação dada por Schneuwly e Dolz (2004) para quem é relevante levar em conta os seguintes aspectos na construção de um modelo didático: a) toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que possui como objetivos aprender a dominar o gênero para melhor compreendê-lo e produzi-lo na ou fora da escola e desenvolver capacidades que podem ser utilizadas para compreensão/produção de outros gêneros; b) como, na escola, o gênero funciona em outro lugar social diferentemente daquele em que foi originado, ele sofre forçosamente uma transformação: torna-se um gênero a aprender, porém continua um gênero para comunicar. O desafio então é colocar os alunos em situações de comunicação que sejam mais próximas possível das verdadeiras, que tenham sentido para eles, a fim de se conseguir o melhor domínio do gênero.

Logo, os autores descrevem três princípios do trabalho didático: princípio de legitimidade que faz referência aos saberes teóricos ou elaborados por especialistas; princípio de pertinência que engloba as capacidades dos alunos, as finalidades e os objetivos da escola e aos processos de aprendizagem; princípio de solidificação que torna coerentes os saberes em função dos objetivos visados (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Outro fator preponderante é que a forma interativa do movimento em função dos três princípios é primordial. “A aplicação de nenhum deles é independente da dos outros, e, é, precisamente, a imbricação profunda dos três que constitui uma das dimensões da formação do objeto escolar, definido por sua modelização” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.82).

Segundo Striquer (2014), para obter um modelo didático de um gênero que se pretende tomar como objeto de ensino e aprendizagem, aplica-se a uma coletânea de textos do gênero

em questão, o procedimento de análise de textos desenvolvido por Bronckart (2012).

Enfatiza Nascimento (2014) que o modelo didático, devido a seu caráter gerativo, oferece objetos potenciais para a elaboração de sequências em vários níveis e para públicos diferentes ou pode servir de base a sequências voltadas ao mesmo público em momentos diferentes de seu desenvolvimento, “numa concepção espiral de aprendizagem” (NASCIMENTO, 2014, p.68).

Contextualizando a coletânea de causos

A contação de histórias é uma prática disseminada e costumeira no município de Ibaiti, norte do Paraná, local de residência de uma das pesquisadoras. Dessa forma, para a construção da coletânea, convidamos dez moradores da cidade: professores, professores aposentados, agricultores, comerciantes, estudantes, donas de casa, que são conhecidos na cidade por gostarem de contar histórias aos amigos, familiares, alunos das escolas do município. São todos nascidos e moradores da cidade de Ibaiti.

A primeira ação com os 10 contadores que aceitaram participar de nosso trabalho foi o de apresentar a eles, a primeira ferramenta de coleta de dados, o questionário investigativo. O objetivo foi o de conhecer, por meio das respostas dadas, os elementos que formam as condições de produção (BRONCKART, 2012) dos Causos Ibaitienses, e, sobretudo, identificar os ambientes naturais onde essas pessoas contam os seus causos.

Após análise das respostas ao questionário, iniciamos as gravações em vídeos. Todos os momentos da contação dos causos foram gravados em câmeras digitais e em celulares, em diferentes dias, conforme a disponibilidade dos contadores. Cada gravação teve uma duração média de uma hora, com a contação de diversos causos, o que resultou em uma coletânea formada por 20 causos.

A retextualização dos causos

Para a elaboração do modelo didático, ou seja, a fim de poder identificar de uma forma mais sistemática todos os elementos que caracterizam o gênero Causo Ibaitiense (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), os 20 causos gravados foram retextualizados.

Para Marcuschi (2005) a retextualização provoca mudanças substanciais no texto, pois “trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita” (MARCUSCHI, 2005, p.46).

Sugere o autor a adoção pelo pesquisador de um modelo geral, formado por nove operações, consideradas como as mais importantes para a retextualização de um texto oral para o escrito. Pela Tabela 1 apresentamos a definição de cada uma das nove operações dadas por Marcuschi (2005). Vale lembrar que na operação de eliminação de elementos lexicalizados ou não lexicalizados, tipicamente produzidos na fala, tais como os marcadores conversacionais foram retirados apenas as repetições que truncavam a fala, muitos marcadores foram mantidos para se não perder as marcas de oralidade características dos causos.



Tabela 1 - As nove operações de retextualização.

Operações
Operação 1: eliminação: a) de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras, como, por exemplo: ah..., he..., e... e... e, o... o..., de..., do..., da..., dos...)
Operação 1: eliminação: b) de elementos lexicalizados ou não lexicalizados, tipicamente produzidos na fala, tais como os marcadores conversacionais do tipo “sim”, “claro”, “certo”, “viu”, “entendeu”, “né”, “sabe”, “que acha?”, “bem”
Operação 1: eliminação: c) segmentos de palavras iniciadas e não concluídas que aparecem na transcrição e por vezes são tributáveis a hesitações
Operação 1: eliminação: d) sobreposição e partes transcritas como duvidosas pelo transcritor;
Operação 1: eliminação: e) observações metalinguísticas sobre a situacionalidade ou sobre o fluxo da fala, tais como os comentários sobre as ações dos falantes. Por exemplo, ((rindo)), ((tossindo)), ((falando baixinho)), ((alguém bate na porta));
Operação 2: introdução de pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas
Operação 3: retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (eu, nós)
Operação 4: Introdução de paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos
5. Operação: Introdução de marcas linguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêitico
Operação 6: reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos
Operação 7: tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas
Operação 8: reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa
Operação 9: agrupamento de argumentos condensando as ideias

Fonte: As pesquisadoras, adaptada de Marcuschi, 2005.

Como fazem parte da cultura oral, os causos não possuem título originalmente, entretanto, como na língua escrita o título é parte constituinte do texto e visando facilitar a identificação das histórias, cada uma delas recebeu um título que correspondente à forma como as pessoas referem-se aos causos quando pedem para contá-las: “conta aquela do corpo seco”; “conta a da carona misteriosa”, etc.

Ressaltamos, que os 20 causos serviram como conjunto de exemplares do gênero para a utilização do procedimento de análise de textos (BRONCKART, 2012), culminando no

modelo didático do gênero Causo Ibaitiense apresentado a seguir:

O modelo didático do gênero Causo Ibaitiense

Tomando como norte metodológico o procedimento de análise de textos construído pelo ISD (BRONCKART, 2009), nosso *corpus* é formado por 20 causos, gravados oralmente e retextualizados (MARCUSCHI, 2010), contados por 10 pessoas reconhecidas como os principais contadores de Ibaiti.

Primeiramente, realizamos uma conceituação do gênero causo a partir de pesquisa a especialistas da área. De acordo com Costa (2009), em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, causo é definido da seguinte forma:

[...] relato/conto/narrativa geralmente falado(a), relativamente curto(a), que trata de um acontecimento, fato ou conjunto de fatos, reais ou fictícios, como casos do dia a dia ocorridos com pessoas, animais etc., ou de histórias da imaginação das pessoas, como “causos” ou “contos populares” (COSTA, 2009, p.58).

Antônio Cândido (2001), afirma acerca dos causos que:

Sabia-se muitas coisa. Havia gente que começava a contar causos de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram casos de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malazarte, e instruíam muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus (CÂNDIDO, 2001, p. 245).

Essas configurações descritas pelos dois autores podem ser observadas no nosso *corpus*, pois cada um dos causos registrados é povoado por acontecimentos históricos/lendários da cidade da Ibaiti e representam as crenças, os valores, os aspectos políticos e socioculturais da cidade, desde o seu surgimento, em 1947. Portanto, são, conforme defende Cascudo (2006, p. 11), “um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos” de um povo. O que pode ser comprovado pelas respostas às questões de número 6, 7, 8 e 9 do questionário aplicado aos 10 contadores colaboradores de nossa pesquisa, conforme pode ser visualizado pela Tabela 2. Salientamos ainda que para preservar a identidade dos participantes, eles estão referenciados nesse trabalho apenas pelas iniciais de seus nomes:

Tabela 2 - Questionário investigativo (questões 6, 7, 8 e 9).

Questão 6. Os causos que você conta tem relação direta com a cidade ou região onde você mora? Qual a relação?		
1	VBD	“Sim, eu conto o que as pessoas dizem que aconteceu aqui”.
2	BSRO	“Sim, as histórias aconteceram aqui”.
3	RCOQ	“Sim, eu lembro que Ibaiti era ainda um arraial quando isso aconteceu”.
4	VMS	“Sim, eu lembro quando aconteceu”.
5	EMG	“Sim, isso aconteceu aqui quando eu era pequena”.
6	ATO	“Sim, eu conto o que meu pai e minha mãe que sempre moraram aqui me contavam”.
7	LAD	“Sim, esses causos aconteceram em Ibaiti”.
8	ESR	“Sim, meu marido e seus amigos contavam que aconteceu aqui”.
9	DMO	“Sim, são nossas histórias, todo mundo gosta de ouvir”.



10	JÁ	“Sim, todo mundo sabe que essas coisas são de Ibaiti”.
Questão 7. As histórias que você conta em seus causos são verdadeiras?		
1	VBD	“Eu acredito que sim”.
2	BSRO	“Sim”.
3	RCOQ	“Minha família diz que sim”.
4	VMS	“Todos dizem que sim”.
5	EMG	“Sim”.
6	ATO	“Sim”.
7	LAD	“Eu penso que sim”.
8	ESR	“Sim”.
9	DMO	“Sim”.
10	JÁ	“Sim”.
Questão 8. Se as histórias são verdadeiras, você conheceu pessoalmente algum personagem dos causos que você conta? Ou conhece alguém que conheceu pessoalmente?		
1	VBD	“Eu conheci o Anísio que virou o corpo seco e o Nania (Ananias) que matou o Anísio”.
2	BSRO	“Aconteceu com a minha tia”.
3	RCOQ	“Aconteceu com meus pais e minhas irmãs e eu conheci o Antonio Martins de Mello”.
4	VMS	“Um amigo do meu pai conta que carregou ouro da mina de carvão para a igreja”.
5	EMG	“Minha comadre dizia que aconteceu com ela, ela já era bem velhinha quando eu conheci”.
6	ATO	“A minha família viu a bola de fogo no pico e meu pai conta que o corpo seco subia no seu cavalo”. Amigos dele tentaram desenterrar o ouro no pico”.
7	LAD	“Eu conheci o Anísio”.
8	ESR	“Aconteceu com meu marido, amigos nossos e meu pai”.
9	DMO	“Eu conheci a mulher que o saci batia”.
10	JA	“Eu conheci a moça que se matou e lembro que o trem não andava”.
Questão 9. Você viveu alguma história que você conta em seu causo?		
1	VBD	“Não”.
2	BSRO	“Eu mesma vi a bola de fogo que desce do pico”.
3	RCOQ	“Não, foi com a minha família”.
4	VMS	“Eu ouvi o barulho dos cavaleiros carregando o ouro na rua do cemitério”.
5	EMG	“A história do lobisomem aconteceu comigo e com minha mãe em nossa casa”.
6	ATO	“Eu vi a bola de fogo junto com a minha família descendo do pico”.
7	LAD	“Eu já me perdi no pico por causa do corpo seco”.
8	ESR	“Não”.
9	DMO	“Não”.
10	JA	“Não”.

Fonte: As pesquisadoras

Como revelam por unanimidade as respostas para a questão 6, os referidos causos tem relação direta com a cidade ou com a região onde moram os contadores. E sobre o fato das histórias serem verdadeiras, 6 das 10 respostas à questão 7 afirmam que “sim” e as outros 4



também afirmam mas indicando que nem todos conheceram os personagens dos causos, que é o que se confirma nas respostas a questão 8: aos serem questionados se conheceram algum personagem das histórias ou se conhecem alguém que os conheceu, e se já viveu alguma história que formam os causos (questão 9): 4 afirmam que sim, enquanto que os demais apontam que familiares e amigos conheceram ou que já vivenciaram situações que eles mesmos contam em seus causos.

Portanto, os Causos Ibaitienses são habitados por personagens que a comunidade local aponta como reais, os personagens viveram na cidade e eram conhecidos por parte dos contadores ou de algum familiar deles. Contudo, alguns dos personagens tornam-se, nas histórias, seres sobrenaturais em certo momento, como, por exemplo: o corpo seco, a noiva de branco, o morto.

E no que se refere ao fato da oralidade, mencionado por Costa (2009) e por Candido (2001), na caracterização do gênero, é por meio dessa modalidade, da contação que ocorre de geração a geração, que os causos de Ibaiti ganharam vida e sobrevivem até hoje, preservando a memória cultural e a história do povo de Ibaiti. As questões 10 e 15 do questionário investigativo confirmam essa afirmação: 10. “Quem ensinou você a contar causos?” Respostas: todos os 10 contadores referenciam uma pessoa da família; 15. “Seus filhos ou netos ou outras pessoas da família costumam contar os causos que você contou a elas?”, todos os respondentes afirmam que outras pessoas da família especialmente crianças contam os causos que aprenderam com eles.

Nesse contexto, “os causos assumem o papel de representação social mais próxima da vivência cotidiana e da memória coletiva” (ALEGRO, FERREIRA; PAULI, 2009, p.8), fazendo parte de um contexto de representação coletiva da memória. “A voz viva ao recordar o passado alicerça a coletividade ao recriar a vida. Nesse viés, voz, corpo e percepção são instrumentos divulgadores da essência dos feitos humanos” (ALEGRO, FERREIRA; PAULI, 2009, p.8).

Diante dessas constatações, caracterizamos inicialmente o causo como um gênero primário, segundo concepção bakhtiniana. De acordo com Bakhtin (2003), os gêneros primários mantêm uma relação imediata com a realidade, com a vida cotidiana, constituem-se em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os resultados das análises a algumas das respostas ao questionário confirmam essa caracterização nos Causos Ibaitienses. A saber:

- A relação do gênero com a realidade está explicitada nas respostas à questão 7, todos os respondentes afirmam que as histórias são verdadeiras; nas respostas à questão 8, vários dos contadores afirmam ter conhecido um personagem ou outro; e para a questão 9, uma parte dos respondentes revela ter vivenciado situações que acontecem nas histórias.

- A relação do gênero com a vida cotidiana expõe-se nas respostas a questão 10, como posto, contar causos é uma prática familiar na vida dos 10 contadores.

- A relação do gênero em constituir-se de circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea pode ser constatada, também pelas respostas às questões sintetizadas na Tabela 3:

Tabela 3 - Questionário investigativo (questão 11, 12, 13).

Questão 11. Quando você começou a contar os causos que você conta?		
1	VBD	“Desde quando trabalhei no circo aos 8 anos”.
2	BSRO	“Desde os seis anos”.
3	RCOQ	“Desde os dez anos”.
4	VMS	“Desde os seis anos”.
5	EMG	“Desde pequena, não lembro a idade”.
6	ATO	“Desde os dez, onze anos”.
7	LAD	“Desde nove anos”.
8	ESR	“Sempre contei histórias, comecei pequena, mas não lembro a idade”.
9	DMO	“Desde a infância”.
10	JA	“Desde os nove anos”.
12. Para quem você conta os causos?		
1	VBD	“Participantes do grupo da terceira idade, pessoas que frequentam a igreja, amigos, família, escolas”.
2	BSRO	“Família e amigos”.
3	RCOQ	“Família, amigos, alunos”.
4	VMS	“Alunos, família, amigos”.
5	EMG	“Netos, bisnetos, amigos”.
6	ATO	“Família e amigos”.
7	LAD	“Família, amigos e alunos”.
8	ESR	“Netos, amigos”.
9	DMO	“Alunos, amigos, família”.
10	JA	“Amigos, família, pessoas que frequentam a igreja”.
13. Em que lugar costuma contar suas histórias?		
1	VBD	“Encontros de grupos da terceira idade, na igreja, nas escolas, feira alimentícia, festas, rodas de violas, praça”.
2	BSRO	“Casa da contadora, casa de amigos, sítio, fazenda, beira de rios”.
3	RCOQ	“Chácara, casa da contadora, casa de amigos, escola, lanchonetes”.
4	VMS	“Casa da contadora, casa de amigos, escola, lanchonetes, churrascos”.
5	EMG	“Casa da contadora”.
6	ATO	“Sítio, beira de rios, churrascos, casa do contador, casa de amigos”.
7	LAD	“Praça, escolas, rodas de viola, feira alimentícia, festas”.
8	ESR	“Casa da contadora e casa de amigos”.
9	DMO	“Escola, fazenda, beira de rios, casa de amigos”.
10	JA	“Casa do contador, igreja e casa de amigos”.

Fonte: As pesquisadoras

Em síntese, os 10 contadores contam história desde criança; a situação/ambiente familiar é citado por todos eles; as histórias são contadas nas propriedades dos contadores: em suas casas, sítios, lanchonetes; em momentos de descontração como em churrasco, encontro com amigos, etc.

Desse modo, o Causo Ibaitiense é, em sua origem, um gênero primário, uma vez que origina-se em e de situações de comunicação verbal espontâneas e que se organiza em um uso

mais imediato da linguagem. Segundo Dolz e Schneuly (2004) a oralização espontânea é aquela que acontece, “como fala improvisada em situações de interlocução conversacional, que, numa das extremidades, constitui ‘modelo’ relativamente idealizado” (p.157), a qual, muito embora pareça desorganizada, apresenta sim regularidades específicas.

Entretanto, ao serem por nós retextualizados, os causos tornam-se gêneros secundários, passam a fazer parte de uma “comunicação mais complexa, relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 2003), devido às alterações impostas pela língua escrita. Tornam-se gênero secundário também ao serem contados para que as pesquisadoras pudessem utilizá-los, ou seja, perdem parte do aspecto espontâneo. Em nosso trabalho, portanto, o gênero Causo Ibaitiense é tido como gênero secundário.

A respeito do campo de atividade humana (BAKHTIN, 2003) da qual o causo faz parte, as afirmativas até aqui apresentadas nesse capítulo confirmam a configuração realizada pela DCE (PARANÁ, 2009) de que o causo pertence ao campo, ou como expõe o documento, a esfera social de circulação cotidiana (PARANÁ, 2009).

Compreendemos que o causo pertence também, tomando como norte a tabela de agrupamento de gêneros elaborada por Dolz e Schneuwly (2004), ao domínio social da cultura literária ficcional, sendo formado pela predominância da capacidade de linguagem da “mimese de ação através da criação da intriga no domínio do verossímil” (p.60). O conteúdo temático dos causos está situado nas representações imaginárias, fantásticas: o cavalo que não quer passar pelo Pico Agudo, a pescaria no Rio do Engano, o caminhão que ao passar pelo Pico fica pesado, a lobisomem que caminha em volta da casa, a dona de casa que apanha do saci, os cavaleiros que vão da igreja ao cemitério carregando ouro, os alunos que pegam carona no ônibus fantasma.

Podemos também caracterizar o causo em um embaralhamento em sua classificação, segundo a proposta de agrupamento de gêneros de Dolz e Schneuwly (2004), como pertencente ao domínio social de comunicação de documentar e memorizar ações humanas, tendo como capacidade de linguagem humana a de “representação pelo discurso de experiências vividas, situados no tempo” (p.60): a mina de carvão, o pico, a estação ferroviária, entre outros lugares, cenários das histórias, realmente existem na cidade de Ibaiti, também alguns dos personagens e situações aconteceram.

Seguindo a proposta de análise de textos do ISD (BRONCKART, 2019), partimos para a apresentação das análises realizadas sobre o contexto de produção, localizado a partir das respostas ao questionário.

Tabela 4 - Os elementos que compõem o contexto de produção dos Causos Ibaitienses.

Parâmetros do mundo físico	
Emissor físico	Pessoa física, concreta e real, que escreve o causo. Portanto, os emissores físicos dos vinte causos são: VBD; BSRO; RCOQ; VMS; EMG; ATO; LAD; ESR; DMO; JÁ
Emissor social (papel social do emissor)	Todos os 10 contadores são moradores de Ibaiti, ouviram as histórias de seus ascendentes e costumeiramente contam os causos para seus descendentes. A maior parte deles conheceu um personagem das histórias que contam ou passou por alguma situação que caracteriza um dos causos. Portanto, os 10 contadores são preservadores e disseminadores da cultura popular do município de Ibaiti. É o que revelam as respostas as questões 6,7,8,9 do questionário.

Receptor físico	Leitor físico, concreto e real, aquele que recebe/lê o texto. No caso dos causos analisados, os receptores são: familiares dos contadores, professores e alunos das escolas de Ibaiti, vizinhos, conhecidos, moradores da cidade e de outras localidades que visitam Ibaiti.
Receptor social (papel social do receptor)	Pessoas que gostam de ouvir/ler histórias breves, engraçadas ou que dão medo e que valorizam e preservam a tradição popular de Ibaiti.
Lugar físico de produção	Os Causos de Ibaiti são produzidos nas casas dos contadores ou de seus familiares, praças, sítios, feiras, igrejas, clubes. É o que revelam as respostas à questão 13 do questionário.
Lugar social de produção	Por serem espontâneos são produzidos em lugares de encontros com amigos, em situações familiares, contextos informais.
Momento de produção	É o momento histórico e real em que o texto é produzido. Nos causos dessa pesquisa: fim de tarde, depois dos almoços em família, de noite, de tarde, a qualquer momento.
Momento social de produção	Por ter uma configuração geográfica com picos, por ter minas de carvão, construções remanescentes do início do município que ainda conservam alguns mistérios, o povo passou a criar histórias fantásticas.
Objetivo da interação	Preservar e disseminar a cultura local, divertir, entreter, causar medo, distrair.

Fonte: As pesquisadoras

O conteúdo temático também participa dos elementos que compõem as condições de produção de um texto (BRONCKART, 2006), mas o apresentamos de forma separada por serem formados de algumas especificidades que merecem uma maior explanação.

De um modo geral, o conteúdo temático dos causos retrata acontecimentos e costumes próprios das pessoas da comunidade e do universo particular de seus contadores. A Tabela 6 expõe o tema de cada um dos 20 Causos Ibaitienses:

Tabela 5 - Conteúdo temático.

1	Carona misteriosa	Ônibus fantasma que dá carona à alunos.
2	Noivo desaparecido	Noivo desaparece e vota depois de cem anos.
3	O morto	Morto levanta do caixão para trazer crianças ao seu velório.
4	Ouro na mina de carvão	Túneis que eram usados para transportar ouro roubado da mina de carvão. Atualmente, fantasmas levam o ouro para o cemitério.
5	Lobisomem	Lobisomem ronda a casa da contadora, de manhã ela encontra as pegadas.
6	A caça	Pai que vai caçar para trazer carne à família.
7	Roubo do tesouro do corpo seco	Homem engana moradores e leva o ouro do corpo seco.
8	Pescaria	Homens vão pescar e levam pedradas de seres sobrenaturais.
9	Cavalo empacado	Cavalo não quer passar pelo Pico Agudo por medo.
10	Carona para o corpo seco	Corpo seco sobe na garupa de um cavaleiro.
11	Caixão misterioso	Caixão aparece em caminhão quando passa pelo Pico Agudo.
12	Bola de fogo no Pico Agudo	Bola de fogo desce do Pico Agudo para atrair pessoas até lá.

13	Bola de fogo	Bola de fogo que aparece para mostrar onde está o tesouro do corpo seco.
14	Casa mal assombrada	Mulher sofre ataques do saci em sua casa.
15	Estação Ferroviária	Trem não pode passar pela estação ferroviária de Ibaiti enquanto o nome do proprietário da terra não é dado à estação.
16	Trato com o diabo	Homem faz trato com diabo para ficar rico.
17	Tesouro na ponte	Menina que encontra uma caixinha de joias que é assombrada.
18	Couro que rolava	Jovens não atravessam porteira por medo, quando são obrigados a passar descobrem que o suposto fantasma era um boi.
19	Noiva de Branco	Moça se mata ao ser abandonada pelo noivo e vira um ser sobrenatural que desce a rua e entra no cemitério.
20	Corpo Seco	Homem que morre e vira um fantasma para proteger seu tesouro.

Fonte: As pesquisadoras

Importante destacar que os temas, conforme já mencionado, são formados por seres sobrenaturais, como: lobisomens, sacis e assombrações (conforme tabela 6); e pela presença de fatos cômicos e trágicos (tabela 7). Assim, o real mescla-se com o sobrenatural trazendo fatos extraordinários à realidade da comunidade (tabela 8); também com a influência religiosa na formação da identidade do povo ibaitiense (tabela 9). A saber:

Tabela 6 - Causos com seres sobrenaturais.

Causo 5	Lobisomem	“Eu acho que era lobisomem, porque se fosse um cachorro, por exemplo, ele entraria lá, mas acha que faria barulho pra passa em volta da casa?”.
Causo 14	A casa mal assombrada	“Aí que ela viu quem que fazia isso a ela. E realmente ela diz que não via a figura do capeta, do saci, mas ela sentia as coisas”.
Causo 16	Trato com o diabo	“Ai se aparecesse o diabo aqui, eu ia dá minha alma pra ficá rico, pra pará esse trabalho tão pesado”.

Fonte: As pesquisadoras

Tabela 7 - Causos com fatos engraçados e trágicos.

Causo 18	Couro que rolava – a assombração era um boi dormindo embaixo da porteira.	“Todo mundo comentava sobre um couro branco que rolava embaixo da porteira [...] Era um boi que estava dormindo, um boi branco que dormia lá do outro lado porteira”.
Causo 19	Noiva de Branco – a moça veridicamente se matou com um tiro no ouvido.	“Então aconteceu que ela, tentando encobrir dos seus pais o que havia acontecido, no desespero acabou tirando a própria vida”.

Fonte: As pesquisadoras

Tabela 8 - Causos que mesclam fatos reais com sobrenaturais.

Causo 19	A noiva de branco	“Por ser uma pessoa tão nova que tirou a sua própria vida antes da hora, depois de um tempo começou a aparecer comentários que na rua Rui Barbosa onde fica o cemitério municipal nosso, quando chega a noite, depois das dez horas, onze horas, meia noite, as pessoas que
----------	-------------------	---

		andam pela rua acabam avistando ela vestida de noiva, andando na rua, quando chega ali no portão do cemitério, ela entra no cemitério”.
Causo 3	O morto	“Faleceu um senhor conhecido deles, muito amigo [...] Ai elas chegaram próximas do caixão, elas conheciam muito essa pessoa falecida que era bem próxima, amiga do meu pai. Então elas falaram ‘foi ele que foi lá e abriu a porta e trouxe a gente aqui’”.

Fonte: As pesquisadoras

Tabela 9 - Causos que apresentam influência religiosa

Causo 16	Trato com o diabo	“Ah, eu vô vê se eu dô jeito nisso, eu vô na igreja e levo um crucifixo, vô contá tudo pro padre”.
Causo 20	Corpo seco	“AVE MARIA! DEUS NOS LIVRE E GUARDE!”.
Causo 14	Casa mal assombrada	“O pessoal foi uma noite lá pra fazer oração pra ela, pra ver se tirava aquilo da casa dela porque ela começou a ficar com muita marca no corpo mesmo”.

Fonte: As pesquisadoras

Voltamos nossas reflexões para a infraestrutura geral do texto, formada pelo plano mais geral, tipos de discurso, modalidades de articulação entre esses tipos de discurso e pelas sequências que nele aparecem. Sobre o plano geral do texto (BRONCKART, 2012), retomando os textos orais gravados em vídeo, os causos apresentam características linguísticas e não linguísticas da modalidade, conforme apontam Dolz e Schneuwly (2004): hesitações, titubeios, reformulações, balbucios, falsos inícios, fáticos onipresentes, início de turnos abortados e interrupções.

Tais características, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004), não podem ser vistas como aspectos caóticos da linguagem oral, mas como fundamentos da modalidade, tanto é que sobre elas é possível estabelecer uma gramática com regularidades estruturais e funcionais nas produções de textos orais. Retextualizados, possuem título e corpo do texto.

A respeito do tipo de discurso que constitui o gênero, como apontamos, devido ao causo inscreve-se no domínio de comunicação da cultura literária ficcional e também o de documentar e memorizar ações humanas, ele configura-se entre o aspecto tipológico do narrar e do relatar. O tipo de discurso em predominância se faz a partir do mundo do narrar (BRONCKART, 2012), entrelaçando o discurso da narração e do relato interativo. Tanto o discurso da narração e no relato interativo, de acordo com Bronckart (2012) e Baltar (2007), podem ser comprovados:

- Na disjunção: a) entre conteúdo do texto com o mundo do contador: alguns causos referem-se a elementos e seres sobrenaturais, exemplos: “Então quer dizer que o cara levou o noivo num passeio que durou cem anos.” (Causo 2: Noivo desaparecido); “Eu acho que era lobisomem, porque se fosse um cachorro, por exemplo, ele entraria lá, mas acha que faria barulho para passá em volta da casa?” (Causo 5: Lobisomem); “Daí a gente viu uma bola de fogo descendo do céu. Ela caiu bem no meio daquelas árvores e sumiu no chão.” (Causo 12: Bola de fogo no Pico Agudo); b) entre o conteúdo e o momento da produção do texto, exemplos: “naquela época” (Causo 19: A noiva de branco); “um dia” (Causo 18: Couro que rolava); “mais ou menos quinze ou dezesseis anos atrás” (Causo 7: O roubo do tesouro do corpo seco).

- O conteúdo refere-se a fatos passados, marcado pelo uso do pretérito perfeito que transmite a ideia de uma ação completamente concluída no passado (BALTAR, 2007),

exemplos: “ela fez igualzinho o que o padre mandou” (Causo 16: Trato com o diabo); “Ela trabalhou com a gente muito tempo em casa” (Causo 14: Casa mal assombrada); e marcado pelo pretérito imperfeito do indicativo, exemplos: “quando chegava lá perto do Pico o caminhão começava a pesar” (Causo 11: caixão misterioso) que transmite a ideia de uma ação ocorrida habitual ou continuamente.

- O discurso do relato interativo está marcado na implicação entre o agente-produtor/os contadores dos causos e entre os personagens e o ato de produção, isto é, o agente-produtor e os personagens das histórias estão envolvidos com o tema que organiza o texto. Desenvolve-se, então, um relato que envolve “personagens e acontecimentos e/ou ações e que se caracteriza pela ‘implicação’ dos parâmetros físicos da ação de linguagem em curso” (BRONCKART, 2012, p.164 – grifo do autor). Assim, unidades linguísticas referem-se diretamente ao agente produtor: “A casa que eu morava era toda cercada, só tinha plantação em volta, não tinha animal nenhum lá. Eu estava com a minha mãe na beira do fogão e o meu irmão tinha ido dar aula à noite pros primo dele.” (Causo 5: Lobisomem), “Ah, eu tava ENJOADO, todo dia tomate e beterraba. Oiava na panela, fervendo de tomate. Notro dia di novo beterraba, eu tava enjoado daquilo. Deus me livre e guarde...” (Causo 6: A caça); bem como, unidades linguísticas referem-se às personagens: conforme revelou o questionário e, principalmente, como está marcado nos causos, as personagens são pessoas conhecidas do contador, exemplos: “Meu marido e os irmãos dele, noite de lua cheia não passavam embaixo de uma porteira”(Causo 18: Couro que rolava), “Meus pais já moravam aqui e tinham as minhas irmãs mais velhas menininhas ainda, pequenas.” (Causo 3: O morto).

- Outros elementos linguísticos que evidenciam o discurso da narração e o do relato interativo. Discurso da narração: presença de organizadores temporais: “então”, “No outro dia” (Causo1: Carona misteriosa); “quando” (Causo 3: O morto); “Depois” (Causo 5: Lobisomem). O uso de anáforas pronominais e nominais como forma de retomada do sintagma antecedente: “Eu estava com a minha mãe na beira do fogão e o meu irmão tinha ido dar aula à noite pros primo dele. Então nós esperávamos ele volta pra ir dormir.” (Causo 5: O lobisomem – anáfora pronominal); “Aqui em Ibaiti tem um causo que diz que no Pico Agudo da cidade tem um tesouro escondido. Então, mais ou menos há uns quinze ou dezesseis anos atrás, algumas pessoas foram procurar esse ouro.” (Causo 7: O roubo do tesouro do corpo seco – anáfora nominal).

- O relato interativo é, por sua vez, formado por unidades que relacionam o espaço-temporal dos acontecimentos relatados e a interação verbal existente, pois esse tipo de discurso representa experiências vividas e situadas no tempo (DOLZ, SCNHEUWLY, 2004). O espaço é bem definido, em todos os causos, isto é, forma as histórias, é real e é onde os contadores residem: seis dos vinte causos tem como cenário os arredores do Pico Agudo e um, além do pico, o centro da cidade: Causo 7: O roubo do tesouro do corpo seco, Causo 8: Cavalo empacado, Causo 10: Carona para o corpo seco, Causo 1: Caixão misterioso, Causo 12: Bola de fogo no pico agudo, Causo 13: Bola de Fogo, Causo 20: Corpo seco. Um dos causos acontece na Beira da BR153 (Causo1: Carona Misteriosa). Um nos arredores da Igreja matriz, hoje Santuário Sagrado Coração de Jesus (Causo2: Noivo desaparecido). Outros espaços: Casa do Martins de Mello, hoje Colégio Estadual Antonio Martins de Mello (Causo 3: O morto); Mina de carvão, igreja matriz, cemitério municipal (Causo 4: Ouro na mina de carvão); Casa da contadora (Causo 5: Lobisomem); Patrimônio do Café – Distrito do município (Causo 6: A caça); Ribeirão do Engano (Causo 8: Pescaria); Rua Rui Barbosa (Causo 14: Casa mal assombrada); Antiga Estação Ferroviária (Causo 15: Estação ferroviária); Casa da comadre da contadora (Causo16: Trato com o diabo); Ponte próxima à Vila Guay – distrito do município (Causo 17: O tesouro da ponte); Arredores da Vila Guay (Causo 18: Couro que rolava); Rua Rui Barbosa, Cemitério Municipal (Causo 19: A noiva de branco).

Quanto aos tipos de seqüências (ADAM, 2011), no *corpus* analisados, observamos a predominância da seqüência narrativa, embora apareçam também seqüências dialogais e descritivas. Essas assertivas podem ser observadas nas tabelas 13,14,15 com trechos dos causos retextualizados.

A seqüência narrativa é preponderante nos causos estudados. É uma forma de contar o que aconteceu com os personagens ou com o próprio narrador. Os fatos contados que podem ser engraçados, trágicos ou sobrenaturais não são aleatórios, possuem uma organização para que os leitores possam compreender a história. A tabela 12 mostra um exemplo da seqüência.

Tabela 10: Seqüência Narrativa.

O roubo do tesouro do Corpo Seco – Causo 7 (ATO)	
Situação inicial	“Aqui em Ibaiti tem um causo que diz que no Pico Agudo da cidade tem um tesouro escondido. Então, mais ou menos há uns quinze ou dezesseis anos atrás, algumas pessoas foram procurar esse ouro”.
Nó desencadeador	“Um velhinho de uns sessenta anos mais ou menos veio com um aparelho e disse que sabia onde estava o ouro enterrado no Pico. Aí ele chamou mais três homens e foram numa noite procurar esse ouro”.
Ação	“Eles chegaram lá e vasculharam alguns lugares. O velho falou que o ouro estava enterrado naquele lugar. Daí eles começaram a cavar, cavaram por várias horas e numa determinada hora caiu um gafanhoto dentro do buraco. O senhor falou: _ Isso não é uma boa coisa, é melhor a gente pará porque vai acontecê coisa errada se a gente continuá cavando. Todo mundo parou de cavar e taparam o buraco de novo. Cada um foi pra sua casa. Naquele dia, todo mundo ficou pensando no que tinha acontecido e aquele homem foi embora. Depois de um tempo, uma semana mais ou menos, um dos homens foi naquele lugar onde estavam cavando”.
Resolução	“Chegando lá, o buraco estava todo aberto e um pouco mais profundo do que eles tinham cavado. Assim, todos acham que aquele senhor voltou naquele lugar e sabendo que o ouro estava lá um pouco mais fundo, cavou e retirou o ouro.”
Situação final	Todos pensam até hoje que ele foi lá, levou o ouro embora e todo mundo ficou sem”.

Fonte: As pesquisadoras

A seqüência dialogal é bem marcada, uma vez que a conversa entre os personagens aparece na maioria dos causos, contribuindo para dar dinamicidade ao texto, um exemplo pode ser observado no exemplo da tabela 11.

Tabela 11: Seqüência Dialogal.

O tesouro da ponte Causo 17 – (BSR)	
Intercâmbio de abertura	“Aí ela levou pra casa e a mãe dela falou:”.
Seqüências fáticas ou transacional	“_ Menina que negocio é esse? Não presta trazer essa coisa aqui não. _ Pára de ser tonta, todo mundo estava com medo, eu fui, achei e agora nós vamos ganhar um dinheirinho. _ É, mas não presta trazer essas coisas pra cá, você devia voltar lá e levar esse negocio. _ Olha, deixa eu, vou deixar aqui na estante”.

Intercâmbio de fechamento	“Então, eles foram dormir”.
----------------------------------	-----------------------------

Fonte: As pesquisadoras

Alguns aspectos da sequência descritiva foram encontrados. É bastante comum nos causos a descrição de lugares, personagens, objetos, para que o ouvinte/leitor possa construir imagens que são preponderantes na compreensão dos causos com um todo.

Tabela 13 - Sequência Descritiva

O Morto – Causo 3 (RQO)			
Operação de tematização	Operadoração de aspectualização	Operação de relação	Operações de expansão por subtematização
Pré –tematização: [...] “em casa que era antiga e de madeira.”	Fragmentação: [...] “as portas de duas folhas e com aquele pino lá em cima, uma trava de ferro.”	Não encontrada.	Não encontrada.

Fonte: As pesquisadoras

Quanto aos mecanismos de enunciação, observa-se a voz do próprio contador, conforme os exemplos, Causo 6: A caça “Eu vô contá uma história pra voçeis” e a voz dos personagens; Causo 7: O roubo do tesouro do corpo seco “Isso não é uma boa coisa, é melhor a gente pará porque vai acontecê coisa errada se a gente continuá cavano”

A partir do resultado aqui exposto, isto é, de revelados todos os elementos que caracterizam o Causo, apresentamos um quadro-síntese do modelo didático do gênero tomando como ponto de partida a proposta de Barros (2012):

Quadro 1 – Modelo Teórico: Causo

Capacidades de ação	<ul style="list-style-type: none"> • Prática social: contação de história, com vistas à preservação e disseminação da cultura local. • Gênero oral, retextualizado para a língua escrita. • A pessoa física que conta o causo assume o papel de contador, morador ibaitiense que ouviu as histórias e as conta, preservando a cultura popular do município. • O destinatário assume o papel de alguém que gosta de ouvir/ler histórias breves, engraçadas ou que dão medo e que valorizem a tradição popular de Ibaiti. • Pertence a esfera social de circulação cotidiana, pois as histórias são contadas nas conversas informais da comunidade. Pode também, tomando como aporte a tabela de agrupamento de gêneros elaborada por Dolz e Schneuwly (2004), pertencer ao domínio de comunicação da cultura literária ficcional e também o de documentar e memorizar ações humanas. • O conteúdo temático retrata acontecimentos e costumes próprios das pessoas da comunidade e do universo particular de seus contadores. • A relação entre enunciador e destinatário é de ordem informal. • Os causos são contados oralmente, sendo assim transmitidos de geração a geração.
----------------------------	---

Capacidades Discursivas	<p>Gênero da ordem do narrar e do relatar. O tipo de discurso em predominância se faz a partir do mundo do narrar, entrelaçando o discurso da narração e do relato interativo.</p> <p>Escrito em primeira pessoa do singular ou 3ª pessoa do singular, O enunciador se dirige ao destinatário de maneira informal, pois se realiza predominantemente em conversas informais.</p> <p>Logo no início da contação, pode haver identificação do nome da história contada.</p> <p>O texto explicita o espaço da produção, sendo sempre um local do município de Ibaiti e o tempo é marcado no passado.</p> <p>O plano textual geral pode ser dividido em título e corpo do texto.</p> <p>O texto planifica-se, predominantemente, em uma sequência narrativa, embora apareçam também sequências dialogais e descritivas.</p>
Capacidades Linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none">• Por ser um gênero narrativo, são utilizadas muitas retomadas nominais, realizadas por meio de unidades linguísticas que referem-se diretamente ao agente produtor, bem como, unidades linguísticas que referem-se às personagens. Há também a presença de organizadores temporais e espaciais.• O tempo verbal de referência é o passado, uma vez que se deseja narrar/ relatar algo já ocorrido, predominam, portanto, o pretérito perfeito e o imperfeito.• A escolha do léxico está relacionada ao assunto do caso e procura manter um padrão informal com marcas da oralidade. Os substantivos e adjetivos são abundantes e marcam o tom informal das narrativas.• A pontuação segue os padrões da narração (por exemplo, uso de dois pontos e travessão ou aspas para marcar a fala dos personagens).• A instância geral da enunciação faz intervir ora a voz do próprio contador (uso da primeira pessoa gramatical), ora vozes de personagens (uso da primeira pessoa gramatical).• As modalizações estão condicionadas, principalmente, à representação que o sujeito-produtor faz do destinatário, a interação entre os sujeitos envolvidos, aos papéis discursivos representados na textualidade. Podemos, assim, ter nos casos modalizações lógicas (mundo físico), apreciativas (mundo subjetivo) e pragmáticas (relacionadas a vozes de personagens postos em cena na discursividade).• No momento da contação (gravação dos vídeos) os casos apresentam elementos não linguísticos: hesitações, titubeios, reformulações, balbucios, falsos inícios, fáticos onipresentes, início de turnos abortados e interrupções.

Fonte: As pesquisadoras, adaptado de Barros (2012)

Considerações Finais

Como resultado do trabalho obtivemos um modelo didático do gênero Caso Ibaitiense, o qual poderá encaminhar a construção de futuras sequências didáticas. Dessa forma, ao obtermos um instrumento mediador na elaboração de materiais de trabalho e ações pedagógicas, esperamos contribuir para o trabalho no ensino do caso em salas de aula do ensino fundamental, bem como contribuir também com outros professores interessados em



tomar este gênero como objeto de ensino.

Referências:

ADAM, J. M. A. **Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

ALEGRO, R. C.; BARROS, M. A.; SILVA, L. H. O. Causos do norte no Paraná: testemunhos orais e estratégias de conhecer. In: ALEGRO, R. C.; FERREIRA, L. D.; PAULI, A. A. M. (Org.). **Causos do Norte do Paraná**. Londrina: UEL, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BARROS, E. M. D. RIOS-REGISTRO. E. S. (Org.). **Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

BARROS, E. M. D. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais**: a sequência didática como instrumento de mediação. 2012. 370 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2012.

BATISTA, G. A. **Entre causos e contos**: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. 2007. 215 fls. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté - Taubaté, 2007.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil para jovens**. São Paulo: Global, 2006.

CASTANHO, E. G. **A construção de uma imagem do caipira**: cenas de enunciação e ethos discursivo em causos de Cornélio Pires. 2011. 160 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. São Paulo, 2011.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequência Didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona). In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: EGA, 2002.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, L.; MORAES, F. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo: Cortez, 2013.

GOMES-SANTOS, S. N. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NANTES, E. A. S. **Causo escrito: uma proposta de trabalho sobre leitura, produção textual e análise linguística via plano de trabalho docente**. 2014. 268 fls. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina – Londrina, 2014.

NASCIMENTO, E. L. **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

OLIVEIRA, I. R. **Gênero causo: narratividade e tipologia**. 2006. 144 fls. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. São Paulo, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Diretrizes curriculares da educação básica – língua portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

STRIQUER, M. S. D. **A internalização dos gêneros textuais como instrumentos mediadores por professores em formação no PDE-PARANÁ**. 2013. 429 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.